

---

**BORDERS, DISPLACEMENT AND CREATION**  
QUESTIONING THE CONTEMPORARY

---

University of Porto, Portugal, September 2011

A interrogação sobre *o contemporâneo* implica um duplo movimento: uma análise das determinações da experiência do tempo presente e a explicitação das condições que possibilitam um pensamento *contemporâneo* ao seu tempo. Pôr em questão *o contemporâneo* levanta desde logo um problema: trata-se de pensar *o contemporâneo* ou pensar *no contemporâneo*? E uma série de questões derivadas parece surgir de modo inevitável: qual a *possibilidade* de pensar o movimento constituinte desse mesmo pensamento? – questão ontológica; qual o *lugar* das relações em curso? – questão política; qual o *tempo* das afecções sem mediação? – questão estética; qual o *modo* de constituição de si num lugar em curso? – questão ética; que *hipótese* para a memória num tempo sem mediação? – questão histórica. Mas que legitimidade assiste à separação destas questões? Que racionalidade exige o estabelecimento de fronteiras?

Neste Congresso Internacional & Universidade Internacional de Verão propomos, a partir das noções de *fronteira*, *deslocação* e *criação*, a realização de um exercício crítico em torno do complexo problemático que a *contemporaneidade* nos oferece. O que supõe, então, interrogar *o contemporâneo*?

A lógica da contemporaneidade parece implicar uma distribuição dos problemas que apresenta por entre uma diversidade de campos que se propõem pensar *o problemático* no contemporâneo. Porém, *o contemporâneo* reivindica simultaneamente uma força de deslocação para cada uma das fronteiras que aí se definem. Questionar *o contemporâneo* talvez não seja mais do que procurar as fronteiras que provocam a sua paradoxalidade: ser horizonte problemático a ser pensado e território que suporta esse pensamento. Mas procurar as fronteiras não se faz senão traçando-as. É certo que traçar uma fronteira é dividir uma extensão em dois lados. Contudo, no plano do contemporâneo o pensamento parte da própria fronteira para deslocar os lados. Traçar uma fronteira é já concertar uma deslocação, criar um movimento que transita de um campo a outro, fazendo do contemporâneo um espaço complexo cujas partes comunicam entre si. É sob o ponto de vista da contemporaneidade enquanto *complexo* de fronteiras e deslocações que nos é permitido entender a primeira questão não como uma disjunção, mas como *implicação*: só se pensa *o contemporâneo* se se pensar *no contemporâneo*. E esta parece ser uma específica disposição para *o fora*, para *o estranho* a um presente partilhado discursivamente que vai definindo as lógicas identitárias de afirmação de uma época. Interrogar o contemporâneo equivale a efectuar a crítica do presente a partir de uma situação de ausência de coordenadas estáveis que permitam estabelecer um território para o pensamento. Este não é senão um modo de crítica criativa ou de pensamento que se aproxima da potencialidade enquanto tal.

Assim, desde o interior de uma íntima implicação entre a política e a estética, procura-se perspectivar as formas pelas quais, na contemporaneidade, o pensamento se enraíza em *deslocações* indefinidas que originam singulares *formas de vida*. Procuramos, então, compreender as cartografias da racionalidade contemporânea e as formas pelas quais, no contexto geo-político mundial, uma narrativa securitária desenha *fronteiras* na cena política, estética e social, criando *figuras* intimamente relacionadas a um *espaço territorial*, ou com uma representação normativa dos corpos, dos gestos e das linguagens. Uma *multidão em deriva* experimenta situações limite em espaços heterotópicos. Deste ponto de vista, será dada uma especial atenção à questão dos refugiados, das migrações e das fronteiras invisíveis, no contexto da globalização actual. Sob uma lógica de imunização dos Estados face aos *estrangeiros*, o *estado de excepção* reemerge sob múltiplas figuras jurídicas, administrativas ou conceptuais, que se constituem como *espaços de abandono*, ou *temporalidades* que existem fora das grelhas de representação histórica. Todavia, pela sua existência, esses indivíduos interpelam a visão homogénea e inerte do tempo linear e colocam, com a sua singular inscrição no mundo, uma interrogação vital: a sua *inactualidade* enquanto modo de reinvenção heterogénea da história e das suas imagens. Este problema coloca-nos perante um cruzamento singular e problemático entre *criação, representação e experiência histórica*.

Neste sentido, propomo-nos pensar as seguintes questões. Haverá outro tempo para a criação que não o contemporâneo? Haverá outro espaço para a criação para lá de um território definido por fronteiras problemáticas? Haverá outro sentido para a criação que não seja a expressão de deslocamentos sobre essas fronteiras? Criar talvez não seja mais do que estabelecer espaços de individuação já abertos à transgressão das fronteiras que os determinam. É sob o ponto de vista da contemporaneidade enquanto *território criativamente constituído* que nos é permitido entender a fronteira como espaço bruto de deslocações e as deslocações como condições de determinações fronteiriças.